

FESTA NO BAIRRO: CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS?

Ilaina Damasceno Pereira

Mestre em Geografia – Professora da Universidade Regional do Cariri

ilionp@yahoo.com.br

Resumo

O artigo interpreta os conteúdos geográficos presentes em festas realizadas em bairros metropolitanos, compreendendo-as como expressões da cultura urbana, a fim de demonstrá-las como detentoras de saberes geográficos produzidos no cotidiano. Parte-se do pressuposto que estes são desvalorizados pela escola que ao não utilizar as expressões cotidianas dos educandos dificultam a aprendizagem de conceitos geográficos. Desta forma, o texto sistematiza-se em três partes. Primeiro, destaca-se a geograficidade das festas e os conceitos que podem nelas ser apreendidos, partindo da análise das comemorações pré-carnavalescas no Benfica em Fortaleza-CE. Segundo, defende-se a idéia de que estas representam situações de aprendizagem social. Terceiro, observa-se os saberes geográficos dispersos nas festas pré-carnavalescas, contrapondo-os as definições da educação formal.

Palavras-Chave: Festa; Bairro; Benfica

Abstract

PARTY IN THE NEIGHBORHOOD: GEOGRAPHIC CONTENT?

The article interprets the geographic content present in festivals held in metropolitan neighborhoods, understanding them as expressions of urban culture, to show them as having geographic knowledge produced in daily life. It starts from the assumption that they are devalued by the school by not using the students' everyday expressions hinder the learning of geographical concepts. Thus, the text systematized into three parts. First, there is the geography of the parties and concepts that can be seized them, analyzing the pre-carnival celebrations in Benfica, Fortaleza. Second, it defends the idea that they represent situations of social learning. Third, there is the geographical knowledge spread in pre-carnival parties, opposing the definitions of formal education.

Keywords: Party; Neighborhood; Benfica

Introdução

A constituição de saberes geográficos ultrapassa as barreiras da educação formal e se insere nas experiências cotidianas que sujeitos educandos e educadores vivem diariamente. Considerar que conteúdos geográficos sejam constituídos apenas no âmbito das salas de aula do ensino básico é desconsiderar que no cotidiano as pessoas estabelecem relações entre si e fazem usos de conceitos espaciais.

Paisagem, lugar e território são conceitos que devem ser aprendidos ao final da educação formal. No entanto, percebe-se que parte dos educandos, que concluem o ensino básico não fazem uso deles em suas vidas diárias. Talvez, porque sua apreensão se realize em formas de exposição distanciadas do cotidiano onde o conhecimento escolar é transmitido como verdade e ignora-se o conteúdo geográfico do saber popular.

Pretende-se, refletir sobre isto a partir das festas de bairro realizadas na metrópole, focando o caso das comemorações pré-carnavalescas no Benfica em Fortaleza, capital do Ceará. A fim de verificar a educação para além do espaço escolar convencional, não por meio de aulas de campo, mas observando as manifestações populares como espaços educativos.

A festa de pré-carnaval é considerada aqui uma situação de aprendizagem social onde valores, hábitos e saberes são transmitidos a gerações mais jovens e onde conhecimentos geográficos se expressam e podem ser exercitados através da observação. Proporcionado a construção de novos conhecimentos/consciência que se pode denominar saber popular (BRANDÃO, 1985).

O texto organiza-se em três partes. A primeira destaca o conteúdo espacial das festas populares e apresenta o pré-carnaval no Benfica, relacionando a festa como conceito antropológico com as categorias espaciais território, paisagem e lugar. A segunda ressalta a festa como uma situação de aprendizagem social onde a vida diária pode ser observada como ambiente no qual conhecimentos são constituídos. A terceira foca os conhecimentos espaciais que as festas populares oferecem aos educandos, destacando-as como momentos de disputas de significados permanentemente encobertas na educação formal.

Festa na Metrópole: pré-carnaval no Benfica

O Benfica apresenta o maior número de blocos de pré-carnaval em Fortaleza, se contarmos os blocos financiados pelo edital anual da prefeitura, cuja primeira edição é de 2005, e os organizados pela comunidade sem apoio financeiro da administração municipal. Entre 2007 e 2010, calcula-se a existência de dez blocos¹ que convivem e dividem espaço nas ruas do bairro nas sextas, sábados e domingos que antecedem a folia de Momo.

O discurso criado pela administração municipal oscila entre a diversão dos habitantes e a construção de uma tradição pré-carnavalesca na Capital. Dispersos pelos bairros os blocos parecem tornar Fortaleza um grande palco, onde a espetacularização se anuncia, ao observarmos a tentativa de formar uma tradição carnavalesca, e a cultura popular se pronuncia ao eleger temas e locais que se referem as vivências e experiências dos sujeitos nos lugares que constituem na metrópole. Possibilitando uma compreensão ampliada dos Blocos de pré-

¹ Os blocos existentes no Benfica nesse período são: Adeus Amélia, Bloco do Vampiro (Vampiros da Princesa), Luxo da aldeia, Sanatório Geral, Segura o Copo, Unidos da Cachorra, Cachorra Magra, Gagau com Chumbinho, Escola de Samba Coração Benfica, Unidos das árvores do Benfica, Unidos de Vila rosinha. Aqueles que não recebem financiamento da prefeitura têm seus brincantes circulando entre os demais blocos e podem ser diferenciados pela presença do estandarte ou por camisas padronizadas.

carnaval como resultado dialético entre a cultura popular urbana e a comercialização das festas, ou seja, o duplo processo de cooptação onde o capitalismo coopta a cultura popular e aquele é cooptado por esta (CANCLINI, 1983).

Os Blocos apresentam propostas distintas e encontram entre moradores, freqüentadores do bairro e estudantes, atraídos pela presença da Universidade Federal do Ceará, UFC, público para cada uma das comemorações. Cada bloco reúne por meio de seu repertório, estandarte e público-alvo um conjunto diferenciado de sujeitos, considerando que estar numa festa é aceitar as formas de executá-la e o fato comemorado.

Recentemente, a Geografia tem se dedicado a compreender a espacialidade das festas populares não como a ocupação física de uma área da cidade, mas como a constituição de territorialidades e discursos sobre o lugar que definem a prática sócio-espacial específica daqueles que a executam. Deve-se acrescentar a possibilidade de utilizá-las como campo de observação de conteúdos geográficos que na escola parecem apartados da vida diária.

O legado conceitual sobre festas populares funda-se, principalmente, na Sociologia e Antropologia, podendo-se considerar a existência de duas vias de interpretação. A fenomenológica², onde a temporalidade da festa cria uma situação de inversão e transgressão das normas sociais. E a materialista fundamentada em Canclini (1983) onde a impossibilidade de subverter a realidade obriga os sujeitos a reproduzirem as contradições sociais.

Amaral (1998, p. 39) corrobora com Canclini ao indicar que o evento festivo apesar de interromper a temporalidade cotidiana busca neste os elementos necessários para a execução da festa. Guarinello (2001), seguindo a mesma perspectiva, destaca que a festa é uma produção do cotidiano onde circulam bens materiais, influência e poder, onde sentidos sociais são exaltados, expressando os conflitos e tensões que permeiam a vida social.

A análise empreendida aqui valoriza a festa como uma exaltação de relações cotidianas onde se observa sujeitos interagindo a fim de formarem suas práticas espaciais e definirem suas paisagens, territórios e lugares. Assim, o pré-carnaval é considerado uma situação social na qual sujeitos que habitam o Benfica se encontram e produzem a festa no/do bairro.

Desta forma, os festejos de pré-carnaval na Metrópole apresentam dupla condição, pois possibilitam a participação dos sujeitos habitantes do bairro e o representam em Fortaleza, sendo um momento no qual os diferentes se encontram e neste uma imagem é construída sobre a comunidade e o local que habitam na Capital cearense.

² Da Matta, 2000; Durkheim, 1989; Duvignaud, 1983.

A partir disso, é possível localizar as festas de pré-carnaval na tipologia proposta por Duvignaud (1983) para quem participação e representação são duas vias de categorização. A primeira refere-se ao encontro dos diferentes sujeitos que se organizam para realizarem a festividade e todos partilham do fato comemorado. A segunda destaca a divisão entre os participantes em atores e expectadores, salientando a capacidade de representação social do festejo.

As vias de compreensão da espacialidade produzida por festas populares são listadas abaixo e demonstram que a execução destas se refere às formas pelas quais grupos sociais se relacionam e tentam imprimir no espaço suas características simbólicas. Paisagens, lugares e territórios são, desta forma, expressões pujantes do cotidiano da comunidade que realiza o festejo.

Ferreira (2005) compreende a espacialidade produzida por uma festa³ como ponto onde se articulam diferentes grupos sociais que compõem uma cidade. O autor destaca que um dos papéis das festas populares na vida urbana é afirmar a participação numa coletividade e mostrar a especificidade da cultura local, através de uma manifestação que dá sentido ao lugar por meio do lastreamento de valores simbólicos. Segundo o autor, a festa é dominada por um discurso de poder que orienta ações e apropriações mobilizando sistemas simbólicos produzidos pelos grupos que a produzem. E, ainda que não seja, planejado e organizado eles fazem funcionar as apropriações e relações no lugar.

Para Di Méo (2001) a festa produz ou reafirma uma identidade onde as práticas cotidianas da comunidade que comemora são representadas. Por isso, a festa destaca os paradoxos e conflitos que definem qualquer identidade e o processo complexo onde a visão da alteridade é forjada. Segundo este autor, a festa é um interstício espaço temporal marcado simbólico e fisicamente, sendo muitas vezes representante do habitus⁴ local e, por isso, não seria como se coloca na literatura clássica uma ruptura total do cotidiano, definindo o lugar dos que festejam da forma como eles o festejam.

O pré-carnaval no Benfica pode ser pensado a partir das considerações de Amaral (1998), Guarinello (2001) e Di Méo (2001), pois buscam, nas relações do cotidiano, elementos para caracterizar o acontecer da festa. Por isso, no Benfica os blocos serão pensados como expressões das disputas sociais no bairro, pois “a festa é o espaço de múltiplas

³ O autor utiliza o conceito de festa definido por Duvignaud (1983) e analisa as trocas simbólicas na espacialidade produzida pelo carnaval carioca.

⁴ Bourdieu (1998) define habitus como uma matriz que determina uma posição social a partir da qual as pessoas podem pensar, ver e agir, constituindo julgamentos, valores e modos de vida aceitáveis e, por isso, é um meio de ação onde as pessoas desenvolvem estratégias individuais e coletivas.

territorialidades” (BEZERRA, 2007, p. 176) produzidas pelos atores sociais presentes no espaço-tempo da mesma, como organizadores, prestadores de serviços ou participantes.

A festa representa um evento que dá contorno humano ao lugar. O espaço da festa é representado, nomeado e vivido, freqüentemente apropriado por seus usuários, habitantes e visitantes de um dia de festa. Ela não reduz o lugar onde ocorre a ela mesma, ela se justapõe, exaltando o contato direto entre as pessoas (DI MÊO, 2001). A festa ajuda a reforçar o sentido do lugar já estabelecido pelos que a executam, ela reforça o sentido que cada um propõe para a mesma. No entanto, isso não quer dizer que não haja contradições nos festejos, ela contém em si a contradição cujos processos são vislumbrados em seu interior.

O Benfica apresenta-se como lócus de um variado conjunto de apresentações de pré-carnaval que tem nos organizadores, nas músicas eleitas para as apresentações e na escolha do local traços que demonstram elementos do cotidiano do bairro. O quadro abaixo apresenta cinco blocos de pré-carnaval e os elementos utilizados por organizadores para identificá-los.

Quadro 1 - Características dos blocos de pré-carnaval no Benfica⁵.

Características	Blocos de Pré-carnaval no Benfica ⁶				
	Cachorra Magra	Unidos da Cachorra	Luxo da Aldeia	Sanatório Geral	Segura o Copo
Tempo de existência	12 anos	12 anos	4 anos	4 anos	4 anos
Organizadores	Residentes	Residentes	Estudantes	EX-alunos da UFC	Residentes e ex-residentes
Escolha do local	Rua onde os organizadores cresceram	Rua onde residiam ou residem parte dos organizadores	Identificação do local com a boemia e a cultura	Identificação do bairro com cidades do interior e ponto de confluência dos organizadores	Encontro da diversidade cultural com a boemia
Participantes	Destaque para os residentes da rua Marechal Deodoro ⁷ e imediações.	Destaque para pessoas de outros bairros e Estados.	Destaque para o público universitário, os moradores são apresentados como coadjuvantes.	Destaque para estudantes e pessoas de outros bairros, a participação de moradores é apontada como indicador de aceitação.	Público variado: estudantes, crianças, idosos e público GLBT ⁸ .
Singularidade	Presença de famílias e as marchinhas de carnaval de 1970 e 1960.	Samba enredo	Música de compositores cearenses	Músicas baianas e pernambucanas da década de 1980.	Marchinhas de carnaval das décadas de 1970 e 1960.

⁵ Os blocos apresentados foram eleitos por apresentarem continuidade nas apresentações.

⁶ Informações coletadas nos anos de 2007-2010.

⁷ Conhecida entre os residentes do bairro como Cachorra Magra.

⁸ Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros.

Amaral (1998) destaca que a festa possui a dimensão cultural de colocar em cena valores e projetos de um grupo, sendo uma mediação entre diferenças culturais e símbolos e, portanto, comunica a postura dos participantes. A participação na festa, de acordo com a autora, é tida como um encontro com o outro, tendo em vista a tentativa de alcançar uma meta comum, portanto, uma boa festa é aquela onde há a participação da coletividade e aproximação de diferentes sujeitos convivendo e se relacionando. Maia (1999) complementa e destaca que na festa pessoas cotidianamente distantes umas das outras se tornam próximas pelo momento que o evento produz.

De acordo com Guarinello (2001, p. 972), “uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos”. O pré-carnaval no Benfica pode-se afirmar, gera significados que demonstram o reconhecimento do lugar para cada ator. A proposta dos blocos, o reconhecimento dos brincantes e os argumentos usados para justificar suas existências sugerem sentidos para o bairro onde territórios, lugares e paisagens são constituídos e, portanto, servem como proposta didática de estudos desses conceitos.

As festas dos blocos de pré-carnaval resgatam aspectos do bairro que tornam “Cada uma delas (...) festa determinada e determinante de seu lugar.” (FERREIRA, 2005, p. 313). Assim, festejar, é mais que simplesmente comemorar datas e reproduzir danças, é constituir na cidade uma identidade sócio-espacial ressaltada nos elementos eleitos como norteadores do acontecer da festa. Os conteúdos geográficos presentes nelas ultrapassam a regularidade disciplinar e constituem saberes cotidianos que utilizam a lógica da apropriação espacial de grupos diferenciados e, por isso, fazem do Benfica um espaço onde tradição, transgressão, convívio e conflito coexistem e são salientados no acontecer da festa.

Cada fala acerca dos blocos e dos brincantes aponta uma caracterização do bairro algumas mais evidentes outras não. No entanto, o destaque, como coloca Maia (1999), deve ser dado ao fato de as festas despertam sentimentos espaciais num determinado grupo, pois ela produz um espaço com significado.

Esse é produto das relações entre os sujeitos, entre o sentido que cada um atribui ao local onde a festa se realiza. O lugar não é produto apenas do festejo, este reitera as características atribuídas a ele cotidianamente por um ator ou conjunto de atores. Segundo Di Méo (2001) as festas demonstram a existência humana, pois elas através das formas como são comumente reconhecidas, festas do calendário cósmico, de santos ou nacionais, ocultam os conflitos entre dois grupos territoriais vizinhos ou entre grupos internos, servindo para reforçar os laços simbólicos com o território.

O autor ressalta que a festa faz referência constante a memória social e a inscrição espacial de agrupamentos humanos, pois ela é um código sócio-cultural e simbólico impresso no espaço que descreve uma identidade coletiva que se apresenta em forma material distinguível no espaço, ou sob a forma de memória coletiva que se cristaliza na lembrança da última festa.

Assim, Di Méo salienta que a festa produz uma carga simbólica que qualifica o lugar e os jogos de sentido nela demonstram conflitos sociais. Afirmação que está de acordo com Guarinello (2001) quando este propõe que a festa não apaga as diferenças, ela cria uma identidade diferenciada e conflituosa.

Nas falas de organizadores tem-se um conjunto de justificativas para a organização dos blocos neste e não em outro bairro da cidade, percebe-se elementos cotidianos ressaltados como os responsáveis pela relação entre pré-carnaval e Benfica. A festa além de ser um espaço de trocas simbólicas define o adensamento dessas trocas e, portanto, é um espaço aberto do qual diferentes sujeitos participam. A festa é uma ocupação simbólica e discursiva.

... O Benfica é a cara do Ceará, é um bairro que têm tudo haver com música, o Benfica é um bairro boêmio. Onde a produção intelectual é muito grande, as academias estão aqui: a Universidade Federal do Ceará, o CEFET, as casas de cultura, então se produz muita cultura no Benfica. A recepção das pessoas do bairro é mais fácil. A gente se identifica muito com o Benfica⁹.

...O Benfica é um bairro cultural. É muito bom, um bairro tradicional da cultura popular e tem que continuar, isso é bom para as famílias. Aqui nessa rua as pessoas se divertem com a gente, cada ano que passa é melhor. Não é cansativo. Aqui no Benfica tem muitos blocos e todos fazem um excelente pré-carnaval, tem que continuar.

Ao que o senhor atribui essa quantidade de blocos aqui no Benfica?

As pessoas vêm fazer acham bonito e fazem também, dá certo, e elas continuam. Fazem para alegar sua rua, os vizinhos. O bom é a familiaridade. Para nós aqui na Cachorra não é o samba em si, são as pessoas que querem brincar sem violência.

O bloco Unidos da Cachorra é identificado como um dos blocos que reúne mais jovens como o senhor vê a relação entre a tradição que o senhor coloca e essa identificação com o novo?

O samba enredo como eu lhe falei não era quase conhecido por muitas pessoas, principalmente pelos jovens. Os blocos que existiam como o Prova de Fogo e o Espalha Brasa já tocavam o samba enredo, um pouco mais lento, mas tocava. O nosso samba está sendo aceito tanto pelos jovens quanto pelas pessoas mais antigas, é um samba bem alegre. Para você ter uma idéia a gente já foi convidado até para tocar em casamentos. Tem um garoto aqui de quatro anos que adora a bateria, o seu Manoel tem 94 anos é um dos primeiros a colocar a cadeira na calçada, o seu Daniel Capistrano que tem 84 anos. Não é só o jovem que quer nem só o idoso, são todas as idades. O samba enredo é contagiante.¹⁰

⁹ Organizador do Bloco Luxo da Aldeia.

¹⁰ Organizador do Bloco Unidos da Cachorra.

(...) Eu não imagino aquilo no Papicú ou na Varjota¹¹. O próprio bairro é uma área de pedestre, a gente ainda tem a coisa de o vizinho também ser vigilante. O bairro é bacana, charmoso, cheio de bares, central. No nosso percurso a gente sai do Zezinho passa no Nonato, vai para o Feitosa, Assis, Chaguinha e volta. São os principais bares do bairro. A gente mora lá e acha que o bairro recebe bem essas propostas.

O que você pensa sobre o Benfica?

É um bairro charmoso, mas isso não exclui parte dos problemas urbanísticos das demais áreas da cidade. Ele passa por um processo gradativo de descaracterização da arquitetura original, principalmente, da década de 1940 do século passado, casas com estilo chalezinho, com jardim na frente. Hoje no Benfica você constrói do jeito que quer (...) Do ponto de vista natural o bairro de vez em quando corta uma mangueira daquela não sei para que, o mal que elas fazem é sombra. Esse ano tinha um bloco Unidos das Árvores do Benfica, achei um barato. Tem tudo haver, pessoas que moram lá desde a infância dizem que o bairro na década de 1950 era cheio de árvores pelo bairro inteiro, deu uma praga de Lacerdinha e o prefeito idiota achou por bem cortar as árvores, os benjamins, para acabar com a praga. É como se por causa da dengue você não quisesse mais que chovesse. Eu não presenciei, mas me causou um impacto. De vez em quando acontece, de cortar uma árvore.

Outra coisa importante é a centralidade. O bairro é equidistante de qualquer lugar. Quando eu estava na arquitetura e ia a pé para o centro. A proximidade com o centro me tira de outros lugares da cidade como o Iguatemi.

O que você entende por charmoso, você fez várias referências a isso?

Eu acho que as residências estão descaracterizadas, a ocupação do lote é antiga, casas geminadas, não tem jardim, não tinha banheiro dentro de casa. O charme está na grande mistura entre o que ainda resta da arquitetura e a vivacidade. De ter gente na rua. Eu moro próximo ao Ginásio e, às vezes, é problemático, não da presença do ginásio, mas pela falta de organização. O urbanismo contemporâneo recomenda que as pessoas tem que trabalhar perto de onde moram e ter lazer, de ter comércio perto de casa. Ir a padaria, ao açougue... Para mim é bom, é charmoso pela escala do Pedestre. As pessoas lá botam cadeira na calçada para conversar. O caráter boêmio do bairro passa pela universidade.¹²

Nas falas destaca-se o resgate de elementos cotidianos para a organização de diferentes blocos no Benfica, seja pela cultura local representada pela presença de instituições educacionais, seja pela tradicionalidade atribuída ao bairro por moradores e frequentadores, seja pela relação entre tradição e modernidade vista como enriquecedora da cultura local, ou da identificação do bairro com hábitos característicos de pequenas cidades. Estes tornam os conteúdos geográficos convencionais da educação formal insuficientes para abarcar a multiplicidade da vida cotidiana.

Os cinco blocos justificam suas presenças no bairro resgatando aspectos cotidianos que para os organizadores e, logo, para os participantes identificam o Benfica. Nesse sentido, vale salientar a presença de outros blocos identificados pelos estandartes que circulavam nas apresentações dos já citados: 1) Adeus Amélia que divulgava sua proposta em outros blocos e tinha como lema combater o machismo, apresentando-se naquele bairro, especificamente na

¹¹ Bairros da zona leste de Fortaleza caracterizados pela verticalização e identificados como áreas de alto status social.

¹² Organizador do Bloco Sanatório Geral.

praça da Gentilândia, por ser universitário e aberto as discussões de gênero; 2) Unidos das Árvores do Benfica, organizado pelo Comitê de Pró-tombamento das Árvores do Benfica, CPTAB, que durante o ano de 2006 organizou passeatas, manifestações, abaixo-assinados e audiências públicas para preservação das árvores na área da universidade e do bairro, o bloco não possuía apresentação própria circulando nos demais; e 3) Unidos da Vila Rosinha, bloco organizado pelos moradores da vila de mesmo nome localizada na rua Marechal Deodoro próxima a rua Joaquim Magalhães, no qual se reivindicava melhorias para a comunidade.

Observa-se que elementos cotidianos são chamados para afirmar os motivos pelos quais os blocos são organizados neste e não em outro bairro da cidade. Bem como, a escolha do repertório musical destaca as preferências dos organizadores. Ressalte-se que a visão dos organizadores acerca da participação de moradores e frequentadores sugere os conflitos e interações presentes na festa e que representam relações vividas cotidianamente. Salientando práticas sócio-espaciais que podem ser utilizadas como material pedagógico.

Festa de pré-carnaval: situação de aprendizagem social

Para além de lócus da reprodução do saber técnico a escola deve apresentar-se a sociedade como produtora de valores, mas quais valores devem ser priorizados, os que o currículo nacional comum elege como necessários à vida em sociedade, ou os constituídos na vida diária através das manifestações populares?

A escola na modernidade tem priorizado um conhecimento instrumental pautado no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao mercado de trabalho, onde saberes são avaliados a partir da utilidade e da funcionalidade na sociedade tecnificada baseada no sistema de produção capitalista.

Considerando a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais estipulam valores, habilidades e competências que devem ser aprendidos pelos educandos na escola básica, questiona-se sua capacidade, mesmo através dos temas transversais¹³, de produzir saberes úteis à vida, bem como, valorizar a bagagem cultural que os educandos trazem consigo quando ingressam na escola.

A festa é um momento de interação social onde sujeitos constituem saberes acerca do local que ocupam e sobre a cidade que habitam. Ao invés de estudar como as cidades de forma generalizada se organizam, por que não focar sobre como estas se constituem como

¹³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, definem como temas transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Meio Ambiente e Trabalho e Consumo.

local de dinâmicas sócio-espaciais particulares expressas na organização e execução de festas nos bairros?

Em Fortaleza, as comemorações pré-carnavalescas ocorrem de forma dispersa, constituindo momentos onde os bairros revelam atores sociais e as relações que estes estabelecem entre si, seja pela interação direta, seja pelas notícias que circulam semanalmente nos periódicos locais sobre blocos, brincantes e organizadores.

A festa faz conviver diferentes sujeitos no mesmo ambiente, tornando-os parte de um todo complexo e heterogêneo expresso nas relações estabelecidas durante os festejos pré-carnavalescos, possibilitando uma educação geográfica baseada nos interesses dos educandos em apreender a realidade que os rodeia.

Tornar a geografia mais atraente para os educandos é buscar compreender diferentes leituras de vida para que estes possam se reconhecer e se representar na busca de seus próprios interesses, implicando olhar para fora da escola e dos conteúdos convencionais. Como destaca Castrogiovanni (2000, p. 15), “A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias...”.

A homogeneidade da escola impossibilita aos educandos reconhecerem-se como sujeitos capazes de construir conhecimento, por isso é necessário buscar as particularidades dos sujeitos e dos locais que habitam na cidade a fim de verificar a geração de saberes no cotidiano urbano e como estes se relacionam com as idéias de espaço e tempo. O senso comum não deve ser interpretado como conhecimento menor, mas como o saber não institucionalizado e, portanto, traz ao debate a discussão de quem define conteúdos escolares e a quem estes servem?

Conteúdos geográficos de festas populares consideram a cultura popular como detentora de saberes válidos para a vida dos sujeitos, demonstrando o caráter simbólico da cultura e, por isso, destituindo-a de ser apenas coisa para tornar-se valor, ou seja, “Compreendê-la através da relação entre processos sociais de sua produção e o seu próprio poder de processar, como significado, a vida social em todas as suas dimensões” (BRANDÃO, 1983, p. 99).

O conceito de cultura é primordial para pensar o conteúdo geográfico das festas populares, pois estas significam dentro dos processos sociais onde os sujeitos representam o mundo para si e para os outros, interpretando, construindo e comunicando suas experiências de vida aos demais. Estas têm a capacidade de demonstrar “os significados e emoções através dos quais as pessoas pensam crêem e criam” (BRANDÃO, 1983, p. 102).

A cultura é aqui entendida como um nível de significação do social, uma dimensão simbólica que está em todos os níveis de realização da sociedade. Ela é o elo de significação que torna a vida possível. Para Brandão (1983), a cultura é e configura a ação social e, portanto, diariamente culturas são reproduzidas e transformadas.

Assim, faz-se necessário pensar a cultura como a relação entre contexto e campo simbólico de relações de poder, onde Geertz e Bourdieu se encontram, pois a cultura significa e nomeia, hierarquizando objetos, valores e costumes a partir de um modelo padrão estabelecido dentro de relações sociais de poder. Pois, o sentido é uma das forças que constitui o próprio mundo.

Destaca-se, abaixo, passagens desses dois autores a fim de demonstrar como ambos utilizados conjuntamente contribuem para pensar os conteúdos geográficos das festas populares:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis..., a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p. 9).

A cultura classifica e classifica os classificadores. Estabelece uma oposição entre as coisas consideradas como objetos dignos de serem pensados... e aqueles considerados indignos da conversação e do pensamento, o impensável ou indigno de ser mencionado (BOURDIEU, 2007, p. 1125).

Pode-se usar como exemplo as festas da escola onde o outro se apresenta através de datas comemorativas ou semanas culturais onde o popular e suas manifestações culturais sofrem um processo de folclorização, que destitui ambos dos conteúdos políticos e dos saberes subversivos que contém; enquadrando-os nas normativas da cultura determinada pela instituição. Esta possui um contexto onde as manifestações ali apresentadas são interpretadas e classificadas.

Prefere-se, por isso, entender a festa popular como o espaço onde a educação deve ocorrer, não como exemplificação ou campo de aplicação de conceitos geográficos aprendidos por recursos didáticos convencionais; como manuais, imagens e produção de cartazes, mas como campo onde saberes são constituídos, contestados e, principalmente, vividos.

Martins (2008) avalia as festas populares como detentoras de conteúdos úteis a vida, destacando a necessidade de identificar no urbano as múltiplas expressões da cultura popular que caracterizam professores e alunos como sujeitos e utiliza-las para orientar a

aprendizagem, num processo de mão dupla onde “a escola escorre para a rua e a rua invade a escola”.

A festa, desta forma, oferece uma dupla inovação no processo educacional, uma ampliação do que representa a educação geográfica, deixando muito aquém materiais didáticos convencionais que utilizados, exclusivamente, na sala de aula impedem a interação com a realidade do educando, bem como possibilitam pensar sobre o vivido que se atualiza diariamente (OLIVEIRA, 2006).

Conteúdos geográficos da festa metropolitana

Os autores acima destacados corroboram com a idéia de festa como evento que resgata elementos do cotidiano. Identidades ou culturas ressaltadas nas festas metropolitanas representam aspectos da vida diária das populações nelas envolvidas. Assim, os elementos presentes servem para demonstrar como uma comunidade se organiza, quais grupos dela fazem parte, como se reconhecem e a prática sócio-espacial determinante do acontecer festivo.

Esta prática revela territórios, lugares e paisagens relacionados as vivências dos sujeitos presentes no bairro. Conteúdos geográficos negligenciados pela escola quando o processo de ensino-aprendizagem desses conceitos é pensado na educação formal. Propõe-se, então, como destaca Oliveira (2006, p. 134) uma “compreensão da festa contemporânea como uma mediação de processos pedagógicos, cuja capacidade educativa – particularmente no campo da aprendizagem geográfica - deixa muito aquém os didáticos procedimentos da sala de aula”.

O que requer constante diálogo com o extra-escolar e a capacidade de observar e incorporar as transformações que festas populares metropolitanas sofrem a cada ocorrência. Como destaca Pessoa (2005, p. 39), “A festa popular é o grande momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo”.

As festas de pré-carnaval que a princípio podem parecer uma invenção destacam o habitual do bairro metropolitano e possibilitam um campo de estudos para conceitos geográficos, a serem formados pelos educandos, evidenciados nas relações entre moradores, freqüentadores e organizadores.

As possibilidades oferecidas ultrapassam a corrente perspectiva de espaço vivido para o lugar, área de dominação onde só um grupo atua para o território e rugosidades para o

estudo da paisagem. Nas festas metropolitanas os conteúdos geográficos apresentam-se móveis e processuais.

Quadro 02 - Conceitos e conteúdos geográficos nas festas metropolitanas

Conceito	Conteúdo pedagógico usual	Conteúdo geográfico oferecido nas festas metropolitanas	Modo de observação
Paisagem	Elementos abarcados pela visão, representando o passado e o presente da cidade.	Processual – paisagem vista como símbolo e, portanto, quando o observador muda o sentido se redefine.	O valor atribuído a elementos da paisagem difere quando o observador é morador ou freqüentador.
Lugar	Área de atuação diária de grupos sociais em estreita relação com o meio.	Processual – lugar como os discursos criados pelos sujeitos para constituírem sistemas simbólicos.	Sujeitos distintos constroem itinerários diferentes no bairro e, por isso, possuem experiências particulares de lugar.
Território	Área ocupada por um grupo, representado, em geral, pelo Estado-nação.	Processual – território compreendido a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos para constituírem seus locais de apropriação.	Relações que quase-grupos estabelecem para si afirmarem mesmo sem excluir a presença do outro.

Como destaca Oliveira (2006) a festa opera um sistema de ações complexo e aberto que possibilita aos conceitos geográficos uma visão contemporânea onde processualidade e mobilidade constam como principais características. Ainda que, no bairro metropolitano, a base de ação seja o “terreiro” ou território familiar e identitário as possibilidades de interseções ultrapassam a reprodução da vizinhança imediata, pois seu caráter público possibilita interações.

Os conteúdos geográficos, assim, estão para além da reprodução de definições e colocam-se lado a lado com as vivências cotidianas que na festa são ressaltadas. Deve-se ainda considerar que conteúdos são compostos por valores, hábitos, conhecimentos, atitudes e, portanto, ao valorizarmos os conteúdos previstos na educação formal, com recursos convencionais estamos, concomitantemente, desvalorizando a multiplicidade e a capacidade subversiva de saberes exteriores ao espaço escolar.

A festa de pré-carnaval apresenta conteúdos não escolares que auxiliam na compreensão de conceitos geográficos, os quais durante os festejos estão dispersos, mas próximos da realidade do educando ao possibilitar o encontro da disciplina escolar com saberes cotidianos forjados na dinâmica social metropolitana. Onde a cultura popular não pode ser vista como pura, nem as tradições interpretadas como resistência a processos de transformação. Mas como um terreno sobre o qual transformações são operadas, partindo de relações de forças mutáveis e irregulares definindo-a como um campo (HALL, 2003).

Considerações finais

Os conteúdos passíveis de observação no Benfica não são os mesmos presentes em outros bairros, tendo em vista as especificidades históricas, função na cidade e possuírem diferentes sujeitos que os vivem e os tornam lugares. Pretende-se, com isso, destacar que os conteúdos oferecidos dependem do bairro ao qual nos referimos; sua hierarquia dentro da cidade, a classificação social atribuída a ele e, conseqüentemente, a seus moradores.

Eleger a festa como espaço educativo destaca uma orientação teórico-metodológica onde o modo pelo qual elegemos realizar a prática educativa conduz a processos de aprendizagem distintos, onde a leitura do mundo que precede a leitura da palavra é realizada na tentativa de que cada educando, jovens ou adultos, busque desvelar seu lugar de vida através do exercício da curiosidade, da imaginação, das emoções e da capacidade de questionar e buscar respostas para as questões cotidianas (CALLAI, 2005).

Os processos educativos não formais são aqui pensados como fundamentais para construção de um saber geográfico útil as camadas populares, pois a compreensão da totalidade-mundo parte do princípio básico de que é necessário pensar como o lugar de vida é parte constituinte desta na tentativa de demonstrar o lugar como particularidade, desde a perspectiva global-local, até a possibilidade de observar como sujeitos pertencentes a agrupamentos específicos contrapõem-se, dialogam e constituem nas metrópoles lugares, paisagens e territórios.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira: significados de festejar, no país que não é sério*. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: USP – FFLCH, 1998.
- BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Cidade, Festa e Identidade em Tempo de Espetáculo. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves; GONÇALVES, Cláudio Ubiratan; NASCIMENTO Flávio Rodrigues do; e ARRAIS, Tadeu Alencar. *Itinerários Geográficos*. Niterói: EdUFF, 2007.p. 171-189.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo a ler o mundo: a geografia nas séries iniciais do ensino fundamental*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 13-83.
- CORRÊA, Aureanice de Melo. “*Não acredito em Deuses que não saibam dançar*”: A festa do candomblé, território encarnador da cultura. In. ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto Lobato. *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. p. 141-170.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DI MÉO, Guy. *La Géographie en fête*. Paris: Ed. Geophrys, 2001.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FERREIRA, Luiz Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUARINELLO, Noraberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. JANCSÓ, Istivan e KANTOR, Íris (orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: HUCITEC/fapesp, 2001. p. 969-975.
- HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do popular*. In. HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 231-247.
- MAIA, Carlos Eduardo S. *Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras*. In. ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 191-218.
- MARTINS, Cultura popular urbana e educação: o que a escola tem haver com isso? In. SILVA, René Marc da Costa (org.). *Cultura popular e educação: Salto para o futuro*. Brasília: MEC, 2008. p. 57-63.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Geografia das festas do interior: mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In. SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeová de Andrade (orgs.). *Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 127-137.

PESSOA, Jadir de Moraes. Festas Juninas. In. SILVA, René Marc da Costa (org.). *Cultura popular e educação: Salto para o futuro*. Brasília: MEC, 2008. p. 211-217.